

ANTONIO CANDIDO E RAYMUNDO FAORO
MUDANÇA OU CONTINUIDADE: UM ANÁLISE SOBRE A
MENTALIDADE E OS PROCEDIMENTOS POLÍTICOS NO
BRASIL NO PERÍODO DE 1985 A 2002 .

Autora: Márcia Aparecida de Carvalho
Co-autora: Profa. Maria José de Rezende
Ciências Sociais (Universidade Estadual de Londrina)

Palavras Chave: Mentalidade Política, Procedimentos Políticos,
Padrão de Domínio Político

A partir do projeto de pesquisa Raymundo Faoro e a mudança social n Brasil: modernização e modernidade como dois projetos distintos[1] e conforme as análises de Antonio Candido[2] e Raymundo Faoro[3], este estudo visa elencar as especificidades dos elementos políticos, econômicos, sociais e culturais constituidores tanto de uma mentalidade quanto dos procedimentos políticos presentes na política nacional no período de 1985 a 2002, pois, a mentalidade e os procedimentos políticos excludentes mantiveram o poder político nas mãos de grupos com interesses privados impedindo que a maioria da população participasse da via política nacional.

Analisando-se os autores busca-se verificar se o período que tem início em 1985, com o fim da ditadura militar (1964-1985) e a volta das eleições diretas para os cargos políticos, representou ou não mudanças significativas no que tange à apropriação da esfera política por parte dos grupos dominantes, possibilitando uma maior participação política dos grupos sociais, ao mesmo tempo que manteve a maioria da população afastada da esfera política.

Antonio Candido (1918) e Raymundo Faoro (1925-2003) que são não só pensadores como também homens de ação, estiveram diretamente

[1] Projeto coordenado pela Profa. Maria José de Rezende

[2] Pensador Social Brasileiro, Sociólogo, Crítico Literário, autor dos livros Os parceiros do Rio Bonito (1964) e Literatura e Sociedade (1965)

[3] Pensador Social Brasileiro, Historiador, Jurista, autor dos livros Os donos do Poder (1989)

envolvidos com os movimentos que reivindicavam a participação política dos grupos populares e a efetivação da democracia no país esforçando-se para compreender a problemática da mudança social e a persistência da desigualdade social brasileira. Levando em conta o contexto histórico da realidade social do país, ambos, cada um a seu modo, defendiam que o afastamento da grande maioria da população dos processos decisórios da esfera política impedia a possibilidade de mudanças profundas no âmbito político e conseqüentemente, no âmbito econômico, social e cultural.

Segundo Raymundo Faoro, os elementos conservadores deste padrão de domínio excludente teriam sua origem na forma específica que o capitalismo desenvolveu no país -“capitalismo politicamente orientado” – sob sua vigência a economia dependia única e exclusivamente do Estado. Essa forma de capitalismo propícia uma relação entre grupos privados e o Estado, pautada numa dependência mútua. Tal relação revelava-se perniciosa, pois se torna o ponto de partida de um processo no qual há o favorecimento de grupos privilegiados e de seus interesses privados em detrimento dos interesses coletivos da nação, abrindo caminhos para práticas oligarcas, personalistas e patrimonialistas. (REZENDE, 2006)

Em suas análises sobre a formação política brasileira o autor argumentava que uma seqüência de processos de modernizações, que visavam apenas o benefício e os interesses de alguns grupos, esteve presente na história política brasileira desde as reformas pombalinas no século XVIII, estendendo-se pelos séculos XIX, XX e mantendo-se mesmo após o período conhecido como “abertura democrática” (1979-1985), teve continuidade após a década de 1990, já com as eleições diretas para os cargos políticos. (REZENDE, 2005)

De acordo com os artigos do autor, os rumos políticos no período pós 1985, direcionaram-se eram marcados por uma forma de mando com características oligárquicas dotadas de grande autoritarismo, herança de uma mentalidade repressiva construída durante o período da ditadura militar, que propiciou a permanência dos mesmos agentes de poder na arena política, dando continuidade ao padrão de domínio

que excluía a maioria dos cidadãos dos processos decisórios, graças ao que prevalecia a prática política na qual os interesses pessoais possuíam mais relevância do que os interesses da nação. (REZENDE, 2005)

Em seus artigos publicados na revista Istoé, Istoé Senhor e Carta Capital, Faoro analisou detidamente os governos pós ditadura militar, buscando evidências das práticas que revelavam a continuidade de uma lógica oligárquica e autoritária e a manutenção dos mesmos agentes de poder oriundos do período militar.

A partir da década de 1990, há um grande número de artigos que analisam o governo de Fernando Henrique Cardoso. Para o autor um elemento revelador da tentativa dos mesmos grupos de se manterem no poder foi a reforma constitucional que implementou a possibilidade de reeleição aos cargos políticos, demonstrando a existência da supremacia dos interesses pessoais dos grupos que disputam o poder. (Carta Capital, no. 39, 25/12/1996)

Comentando o segundo governo de Fernando Henrique Cardoso, Raymundo Faoro, aponta para o grande autoritarismo e o forte uso da repressão contra os grupos sociais que buscavam reivindicar seus direitos, como o ocorrido nas comemorações dos 500 anos da descoberta do país, na qual índios, negros, sem-terras e demais setores sociais que ali compareceram foram duramente reprimidos. (Carta Capital 15/05/2000)

Mal sabiam eles que antes de sua chegada, uma fortaleza de cassetetes, de gás lacrimogêneo, de balas de borracha, renunciando as balas de aço, embargaria seus passos, obrigando-os a custa de hematomas e golpes, a se recolher a sua insignificância. Não tinham lugar no baile dos brancos, são os primeiros a apanhar e os últimos a dançar. (Faoro, Carta Capital, 2000).

Tais artigos são esclarecedores por trazerem à tona a gana dos grupos e dos agentes mantenedores do poder de continuarem a dominar o processo político, utilizando-se ora dos processos políticos a seu favor ora do autoritarismo e da violência contra os demais grupos sociais na década de 1990 e início do ano 2000.

Antonio Candido, por sua vez, chama a atenção para dois elementos que seriam significativamente importantes para a formação

da política brasileira, pois funcionaram como impeditivos das mudanças necessárias para a alteração do padrão de domínio excludente que se constitui no país.

Desde o processo de Independência (1822), os grupos dominantes apossaram-se do saber procurando a todo custo retê-lo historicamente, como forma de manter o poder político em suas mãos, mantendo a maioria da população excluída das decisões políticas.

Na estrutura da sociedade, avaliada através da distribuição da riqueza, observa-se a mesma polarização iníqua que ocorre no domínio da cultura intelectual: o máximo de concentração de bens ou do saber convive funcionalmente com o máximo de miséria e ignorância, como se esta proporção fosse a própria razão de ser da nação brasileira. (DANTAS, 2002, p. 326).

Outro ponto a que se refere Antonio Candido, é a mentalidade conservadora dos grupos dominantes, de alguns setores das classes médias e de alguns intelectuais. Cultivando essa mentalidade que não problematizava os acontecimentos históricos e a realidade social brasileira, contribuindo, assim, para a manutenção de uma sociedade cada vez mais desigual. (CANDIDO, 1990).

Porém, Antonio Candido acreditava que havia possibilidades da classe média ser dotada de uma radicalidade que poderia fazer oposição a mentalidade conservadora, desde que tivesse como pressuposto a realidade social e levasse em conta o processo histórico da formação social brasileira. (CANDIDO, 1990)

Antonio Candido, em diversos artigos e livros, tanto os das décadas de 1940 e 1950 quanto os escritos a partir da década de 1970, chamava a atenção para a imensa desigualdade social crônica existente no país e para a necessidade de o intelectual buscar compreendê-la e intervir nela contribuindo para a transformação social a favor das classes populares.

Em 1978, num artigo intitulado “O tempo do contra”, Candido pedia que os intelectuais unissem forças com os demais setores na luta contra a ditadura militar e a favor da democracia.

Com o fim da ditadura militar havia o anseio de que se implementasse, de fato, no país um regime democrático e inclusivo, porém para Candido ainda no final da década, o fato do país viver

uma imensa desigualdade social era demonstração de que não havia de fato ocorrido mudanças substanciais no âmbito político que representassem em alterações no âmbito econômico, social e cultural.

...mas o fato é que o país continua mergulhado na iniquidade social na tremenda diferença entre os que têm e os que não têm os que podem e os que não podem e, como se fossemos duas nações separadas. Nós que pertencemos a nação privilegiada cumprimos nosso papel de cidadãos, mas é provável que, apesar das intenções, não tenhamos feito tudo o que deveríamos ter feito para promover a incorporação à nós da outra nação, a que vive excluída de várias maneiras. (Aguiar, 1996, p.96)

Portanto, ambos os autores demonstravam em seus artigos que até o início de 2000 era perceptível a manutenção da mentalidade responsável pelos dos procedimentos que excluía a maioria da população da participação política.

Porém, no início da década de 2000 começava a se articular a candidatura de Luis Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores, à presidência da República no pleito de 2002. Lula já havia concorrido ao cargo de presidente nas eleições de 1989, 1994, 1998, mas não conseguiu se eleger. Tanto a imagem de Lula quanto a do Partido dos Trabalhadores sofreram duros golpes de seus adversários durante as campanhas eleitorais.

O Partido dos Trabalhadores surge no final na década de 1970 como um partido capaz de congrega trabalhadores, intelectuais, religiosos, artistas e as minorias, com viés socialista, portanto, como um partido que trazia em seu bojo os agentes sociais que até aquele momento não tinham espaço na arena política.

Dessa forma, busca-se compreender, através dos artigos de Antonio Candido e Raymundo Faoro, se a vitória de Lula e do Partido dos Trabalhadores, em 2002, representava uma mudança nas velhas práticas políticas, na mentalidade e nos procedimentos mantenedores de exclusões, ou seja, busca-se elencar elementos que possam indicar uma transformação política maior e que resultasse em mudanças significativas nas práticas políticas.

Em um artigo publicado na Folha de São Paulo em 2001, intitulado “PT de Lula tira o socialismo do armário”, a respeito de um seminário que discutiria o socialismo, este seminário estava sendo

organizado por Antonio Candido a pedido de Luis Inácio Lula da Silva, na época presidente de honra do partido.

Na entrevista que se segue ao artigo, Antonio Candido faz declarações esclarecedoras sobre os debates internos do partido, suas correntes, qual seria a concepção de socialismo possível ao país, e sobre os méritos do socialismo desde seu aparecimento histórico.

Para o autor, as idéias e as práticas socialistas foram responsáveis por uma condição menos desumana para todos aqueles que foram historicamente excluídos.

O socialismo vem conseguindo a quase dois séculos tronar mais suportável a condição de trabalhadores, de tal forma que os detentores dos meios de produção e as classes dominantes em geral vêm sendo obrigados a fazer concessões que não fariam por sua própria iniciativa. (CANDIDO, 2001).

Para Candido, o mérito do Partido dos Trabalhadores estava em buscar alternativas e possibilidades de implantação de um socialismo que fosse adequado ao país e respeitasse as especificidades da nossa realidade social e, acima de tudo, o que torna o PT um partido com um papel histórico ímpar foi a inclusão do operário na sua base política, bem como os demais agentes que passam a participar mais ativamente do debate político e sentir-se representados politicamente tanto pelo partido quanto por Lula.

Candido percebe estes elementos como indicadores de uma grande transformação, já que no país os partidos de esquerda anteriores ao Partido dos Trabalhadores não haviam conseguido, de fato, agregar os trabalhadores a seus quadros.

Para o autor, a vitória de Luis Inácio Lula da Silva era uma nítida demonstração de que a população dava demonstrações de conscientização da grande exploração de que sempre foram vítimas, além do fato de grande parte da população sentir-se identificada com o candidato que, segundo o autor, não era somente um representante das classes excluídas, mas dela fazia parte.

Nos artigos de Raymundo Faoro sobre o governo de Fernando Henrique Cardoso (1994-1998/1998-2002), o autor destaca vários elementos relevantes, principalmente a crescente insatisfação da base

eleitoral do presidente. Faoro argumentava que a mudança ideológica de Fernando Henrique, mais o fracasso do plano real tornavam o presidente cada vez mais impopular.

Fernando Henrique se reelegeu fazendo alianças com as velhas oligarquias e com a direita conservadora, tendo como bandeira o Plano Real, passado algum tempo de governo, a população “sentiu-se enganada” ao perceber que a promessa não havia sido cumprida, no artigo de 1999 “A via Florentina” Faoro diz,

Com toda a segurança, pode-se discernir, na frieza, a decepção do eleitor brasileira com o seu presidente. Eleito por obra de sua biografia, que prometia audaciosas reformas, inovações, mudanças no Estado e na economia do país, o presidente desmentiu o candidato, transmitindo a imagem de um político hábil, esperto, astuto, sem que nada restasse do que prometiam suas distantes e desbotadas origens. Em lugar de um líder corajosos e indômito entrou a figura de um chefe de estado cinzento e apagado, submisso aos caciques dentro do país, e fora dele, reverente as imposições internacionais.

A crescente insatisfação dos eleitores resultou numa certa conscientização das injustiças sofridas pela da população. Este é um ponto importante, pois corrobora as observações de Candido no artigo publicado em 2002 após a vitória de Lula, sobre a conscientização das classes populares a respeito das desigualdades sociais.

Outro assunto importante referente ao Partido dos Trabalhadores que os autores abordam é a existência das facções internas do partido. Numa entrevista a Carta Capital, Faoro encara as disputas internas com preocupação, pois elas poderiam causar embaraços à execução de um projeto inclusivo e à estabilidade governamental caso o partido chegasse ao poder.

Já Candido, na entrevista de 2001 à Folha de São Paulo, considerava que os debates e as distintas correntes ideológicas presentes no partido eram “positivas” e próprias da dinâmica de um partido que traz em sua base, uma grande pluralidade.

Candido via com grande otimismo a chegada de Lula e do Partido dos Trabalhadores ao poder. Além de refletir a conscientização dos setores populares, ele constituiu-se como a real possibilidade de inclusão social, política, econômica e cultural destes grupos. O autor também acreditava que, embora o PT não fosse um partido

revolucionário, a sua potencial radicalidade faria com que houvesse o rompimento com as mentalidades e os procedimentos conservadores presentes na política nacional.

Mas uma vez é possível notar convergência entre os assuntos abordados por Faoro e Candido, no que tange ao potencial revolucionário do Partido dos Trabalhadores, pois, para Faoro, o PT já não assustava mais as classes dominantes pelo fato de ter passado por uma mudança e ter perdido o seu viés mais revolucionário. Para ele esta seria a única maneira do partido chegar ao poder. (Faoro, 1998).

Bibliografia

- AGUIAR *Antonio Candido Pensamento e Militância*, 1996
CANDIDO, A *O tempo do contra*, Textos de Intervenção, Duas Cidades, São Paulo, p. 365-368, 2002.

Perversão de Aufklärung, Textos de Intervenção, Duas Cidades, São Paulo, p. 351-359, 20002

PT de Lula tira o socialismo do armário, Folha de São Paulo, Folha Ilustrada, SP, 10/04/2000.

Um presidente muita esperança, Fundação Perseu Abramo, 2002

Radicalismos, Estudos Avançados, São Paulo, USP, v.04, n 08, 1990

DANTAS, V *Textos de Intervenção*, Duas Cidades, São Paulo, 2002

FAORO, R *A via Florentina*, Cartas do Trópico, Revista Carta Capital, São Paulo, n 112, p. 23, 08/12/1999.

O Clube dos Trezentos, Cartas do Trópico, Revista Carta Capital, São Paulo, p. 30-31, 10/05/2000.

Fernando Henrique Cardoso – o presidente virou discípulo fiel de Antonio Carlos Magalhães, Carta Capital, São Paulo, n 77, 24/06/1998.

REZENDE, M José de *A prática oligárquica e o debate sobre o parlamentarismo e presidencialismo em meio a transição política brasileira em Raymundo Faoro*, Mneme Revista de Humanidades, Caicó, RN, p. 513- 533, 07, n. 18, out/Nov 2005.

Capitalismo Politicamente orientado e transição política no Brasil: análise de Raymundo Faoro acerca da sobrevivência do personalismo, do patrimonialismo e das práticas oligárquicas na década de 1990, IX Simpósio Internacional da Associação Ibero Americana de Filosofia e Política, Unisinos, São Leopoldo, RS, 2006.

Estado e Sociedade e Mudança Política em Raymundo Faoro: Modernização e Modernidade como dois processos distintos, Universidade e Contemporaneidade, Simpósio, UNESP, Campus Marília, SP, 2005.